

Publicado em: 15/07/2021

[ENTREVISTA]
HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICANÁLISE
fundamentos e questões de método

Com
*Richard Theisen Simanke*¹

por
Weiny César Freitas Pinto²
(weiny.freitas@ufms.br)

INTRODUÇÃO

Com quase três décadas de produtiva experiência acadêmica – dezenas de artigos publicados, participações em capítulos de livros e livros organizados ou editados – Richard Simanke é um dos principais pesquisadores brasileiros da área de filosofia da psicanálise. Mestre e doutor em filosofia, tem dedicado seus trabalhos a investigações no campo geral da interface entre psicologia, psicanálise e o pensamento filosófico. Nesta entrevista, Simanke foi convidado a explorar certa caracterização do conjunto de seus trabalhos e a tratar dos problemas de fundamento e de método no contexto do debate entre história e filosofia da psicanálise. Este debate, embora recente, tem se estabelecido de forma gradativa e vem ganhando cada vez mais consistência e importância no interior das pesquisas brasileiras sobre as relações entre filosofia e psicanálise. De algum modo, os termos iniciais desse debate remetem a questões com as quais Simanke já, há muito, tem se deparado no conjunto geral dos seus trabalhos; contudo, é especificamente uma das suas últimas publicações – *Considerações preliminares a propósito de um método histórico-filosófico para a pesquisa conceitual em psicanálise: uma reflexão a partir da experiência brasileira* –, que serviu de ponto de partida para esta entrevista³. Os temas

¹ Professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5431145327759147>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>.

² Professor Doutor do curso de Filosofia e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1411304686102041>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7101-9150>.

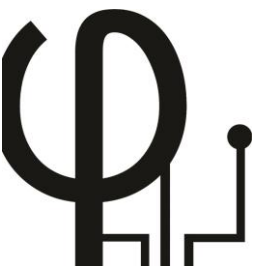
³ Trata-se de um artigo científico publicado em francês. Estamos trabalhando para em breve torná-lo disponível também em português. Cf. SIMANKE, R. T. *Considérations préliminaires à propos d'une méthode historique-*

centrais discutidos – história, método, recepção –, além de marcar com maior clareza a posição de Simanke, fazem avançar ainda mais o debate em curso [WCFP].

WCFP: *Considerando o conjunto de suas publicações sobre filosofia da psicanálise, parece haver inicialmente uma preocupação maior, cuja manifestação se dá de variadas formas, primeiro com o tema da ciência e mais recentemente com o tema da história. Isso pode levar alguns intérpretes a duas caricaturas: 1) a de que o seu trabalho é uma espécie de defesa inveterada do naturalismo freudiano, 2) a de que suas investigações a respeito da história da psicanálise reproduzem o velho “historicismo” tradicional do modo de fazer filosofia no Brasil. Ciência e história seriam os grandes eixos das suas pesquisas em filosofia da psicanálise? Como você caracteriza o conjunto do seu trabalho?*

RTS: Com relação ao primeiro ponto, não se trata, evidentemente, de “defender” o naturalismo freudiano, mas apenas de aceitar a reivindicação naturalista de Freud como um ponto de partida para a compreensão de seu pensamento. Essa reivindicação é totalmente explícita em Freud. Não é uma questão de interpretação. Do começo ao fim de sua obra, Freud deixa claro que ele pensa a psicanálise como um projeto para uma ciência natural da mente ou do psiquismo. Foram tradições pós-freudianas influentes – a psicanálise lacaniana, os diversos culturalismos, a psicanálise existencial, entre outras – que trouxeram a ideia de que a psicanálise se acomodaria melhor no nicho das assim chamadas ciências humanas ou ciências da cultura. Há argumentos para tanto, é claro. Freud propõe a *interpretação* como método e introduz uma referência ao *sentido* no cerne de sua explicação dos fenômenos da vida mental, além de dedicar uma parte substancial de sua obra à análise da vida social e da cultura em suas diversas manifestações (história, simbolismo, religião, arte e literatura etc.). Interpretação (*Deutung*), sentido (*Bedeutung*), compreensão (*Verstehung*) são tradicionalmente associadas ao campo das humanidades ou das “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), se nos remetermos às origens da dicotomia entre as ciências da natureza e da cultura no neokantismo alemão, que foi um movimento filosoficamente influente até mais ou menos o término da Primeira Guerra

philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion à partir de l’expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics. Biannual International Journal of Philosophy*, Cagliari, v. 4. n. 2, p. 59-78, 2020. Disponível em: <<https://ojs.unica.it/index.php/ecch/article/view/4658>>. Acesso em: 14 jun. 2021. [Todas as notas de WCFP]



Mundial. O que chama a atenção, no entanto, é como Freud simplesmente não leva em conta essa distinção. Não é sequer o caso de que Freud tenha ponderado as virtudes relativas das duas concepções possíveis de ciência e se decidido pelo naturalismo. Para ele, ciência da natureza é ciência *tout court*. Então, caso se trate de tomar o pensamento de Freud como objeto de um estudo histórico ou epistemológico, é preciso partir deste dado básico. Os destinos posteriores da psicanálise resultantes da formação de outras escolas e tradições pós-freudianas é outra questão. Eu, particularmente, penso que, para além do cuidado metodológico elementar de não falsear a natureza de seu objeto antes de começar a estudá-lo, levar em conta a posição naturalista de Freud pode produzir outros rendimentos em termos de resultados de pesquisa. Não se pode desconhecer o dado de que, em que pese este posicionamento, Freud de fato aborda questões que são mais familiares ao campo das humanidades. O interessante é que ele faz isso sem mudar de diapasão. A teoria social freudiana e suas incursões no campo da investigação da cultura não são apresentadas como uma aplicação secundária do conhecimento psicanalítico ou como uma extrapolação do seu domínio próprio. As obras que tratam dessas questões estão repletas de referências aos construtos metapsicológicos, à teoria dos instintos ou pulsões, à teoria do aparelho psíquico, enfim, àquelas noções que parecem apontar na direção inversa, para o enraizamento da teoria psicanalítica numa visão biológica e neurocientífica da vida mental. Freud não se justifica quando passa da metapsicologia ou da clínica, em sentido estrito, para a teoria da cultura, mas, ao mesmo tempo, ele não reduz simplesmente essa dimensão social e cultural da vida mental aos determinantes individuais ou biológicos ou a um problema terapêutico. Em suma, a psicanálise freudiana pretende ser uma teoria unificada de todos esses aspectos do psiquismo, desde os processos inconscientes individuais que transcorrem num nível subpessoal da atividade mental, na fronteira com seus fundamentos neurobiológicos, até o campo da intersubjetividade que estrutura os aspectos relacionais e identificatórios do sujeito psíquico. Ao contrário de outras tradições psicanalíticas posteriores, Freud não considerava que, para dar conta da intersubjetividade, do simbolismo e do caráter intrinsecamente significativo da experiência, fosse necessário renunciar à sua epistemologia naturalista. Nesse sentido, além de compreender a psicanálise como um acontecimento de relevo na história das ciências da mente, reconhecer o naturalismo freudiano pode fornecer, ainda, alguns *insights* interessantes para se pensar a superação dessa dicotomia, já bem anacrônica, entre ciências naturais e humanas, que é para onde se encaminha o pensamento científico contemporâneo e a reflexão filosófica sobre a ciência.

Quanto ao historicismo, imagino que você se refira a uma concepção genealógica da filosofia, que procure traçar filiações conceituais diacrônicas entre os diferentes pensadores

e escolas em seu desenvolvimento ao longo do tempo, na contramão da visão estruturalista da história da filosofia que privilegia uma análise internalista da obra como um sistema fechado, cujo sentido só se revelaria na imanência de sua arquitetura conceitual e nas articulações que lhe dão forma. Eu, de fato, não acho essa perspectiva diacrônica e genealógica uma coisa tão ruim assim e talvez já seja hora de recuperar a consideração desses fatores, por assim dizer, *externos* ao sistema, na sua explicação e exegese. Esses fatores incluem filiações, rupturas, críticas e divergências com outros pensadores e escolas, além das questões contextuais, tanto em termos do contexto propriamente filosófico – o debate explícito ou implícito dos autores com seus contemporâneos e predecessores – quanto do contexto intelectual ampliado – o debate da filosofia com as ciências, as artes e a cultura em geral. Acho que vamos falar mais disso daqui a pouco. Mas a referência à história da psicanálise, especificamente, é uma questão diferente. Trata-se de pensar uma proposta, ainda em desenvolvimento, para aproximar a perspectiva histórica da abordagem estritamente filosófica do texto psicanalítico – seja no sentido de uma explicação metódica da sua estrutura argumentativa, seja de desenvolver uma reflexão filosófica própria a partir de uma questão formulada ou iluminada pela psicanálise. Este é um problema de natureza mais metodológica: compreender uma teoria psicanalítica tanto na imanência de sua arquitetura conceitual quanto na historicidade de sua produção e verificar como essas duas abordagens complementares podem lançar luz uma sobre a outra e contribuir para a resolução de seus respectivos problemas.

WCFP: *Especialmente sobre o tema da história, em entrevista de 2020, organizada pelo “GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF”, você aceitou a genérica caracterização do seu trabalho como um trabalho “histórico-conceitual”. Em quais termos exatos esta caracterização deve ser compreendida?*⁴

RTS: O caráter conceitual do trabalho está pressuposto, claro. Todo trabalho filosófico é conceitual por definição, embora possa ter desdobramentos práticos, como no caso do ensino da filosofia ou das éticas especiais aplicadas, por exemplo. No caso da filosofia da psicanálise, não se trata evidentemente de fazer um trabalho empírico, clínico ou aplicado, mas,

⁴ Cf. SIMANKE, R. T. Filosofia e Psicanálise hoje. [Entrevista concedida a] Eduardo Fonseca, Francisco Bocca, Weiny Freitas Pinto, Julia Schlemm. *Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise da ANPOF*, Canal YouTube, mai., 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3JgtEtmoa3E>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

basicamente, uma análise dos conceitos psicanalíticos e de seus vínculos ou repercussões filosóficas. Por isso, penso que o que precisa ser esclarecido nessa caracterização é seu aspecto histórico.

Quanto a isso, em certo sentido, meu trabalho sempre foi histórico, já que o objetivo era elucidar o sentido e as implicações de sistemas teóricos pertencentes à história da psicanálise. Freud e Lacan não são autores do presente, embora seu pensamento certamente influencie muito do que se faz hoje em dia no campo psicanalítico. Sob este aspecto, grande parte do trabalho que se faz em filosofia da psicanálise é histórico também, pelas mesmas razões. Meus trabalhos iniciais, sobretudo os mais longos, que acabaram publicados em formato de livro, eram históricos também em outro sentido um pouco mais específico⁵. Eles procuravam acompanhar o desenvolvimento de um conceito ou de um modelo teórico ao longo do percurso da obra do autor, como no caso da teoria das psicoses em Freud ou das categorias metapsicológicas de Lacan (simbólico, imaginário, real), no período inicial de sua obra. Havia então ali um elemento diacrônico ou genealógico a ser considerado, além da elucidação da estrutura conceitual dos textos e argumentos. Mas era ainda uma história quase exclusivamente interna das teorias, com pouca ou nenhuma referência a quaisquer elementos externos aos textos, fossem estes de natureza teórica ou não. Refletindo hoje, retrospectivamente, percebo que eu sentia já na época, embora confusamente, a necessidade dessa referência. No entanto, era inviável naquele momento seguir nessa direção. Em primeiro lugar, por limitações pessoais: meu conhecimento da história da ciência, da história da psiquiatria e de outros campos da pesquisa histórica era muito restrito e demandaria um esforço enorme para suprir essa deficiência. Em segundo lugar, o acesso às fontes era muito difícil. Quando eu comecei a pesquisar essas coisas, nos anos 1990, para conseguir a maior parte dos livros e outros documentos necessários era preciso pegar um avião e ir para a Europa, Estados Unidos ou algum outro lugar do mundo e achar uma biblioteca ou arquivo que tivesse o material e concedesse acesso ao mesmo. Para mim isso era inacessível, por razões financeiras, familiares e outras mais. Não era como hoje que, com alguns cliques no teclado, conseguimos tudo ou quase tudo de que precisamos. Pesquisando, por exemplo, a obra do primeiro Lacan, eu percebia que uma compreensão mais ampla do seu pensamento psiquiátrico – indispensável, por sua vez, para compreender sua transição para a psicanálise – requeria investigar suas raízes na psiquiatria francesa e germânica do começo do século XX. No entanto, as obras daqueles autores – os que ele citava e outros que permaneciam na sombra

⁵ Cf. SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Loyola, 2009. (Primeira edição em 1994, pela Editora 34). Cf., igualmente, _____. *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo/Curitiba: Discurso/EDUFPR, 2002.

– eram completamente inacessíveis. Então, a gente trabalhava com aquilo em que conseguia pôr as mãos. Mas uma consciência ainda confusa da necessidade de aprofundar a pesquisa histórica e a curiosidade de fazê-lo já estava presente ali. Hoje, quando os meios para tanto já estão à disposição de qualquer um com um celular mais ou menos e a senha do servidor do vizinho, não há mais desculpas para não fazer isso.

WCFP: *Por que, afinal, a história? Quer dizer, por que recorrer à história como meio ou como método para a pesquisa conceitual em psicanálise? O que precisamente a história fornece que você não encontrou em outro campo, lugar ou recurso?*

RTS: A primeira coisa que o conhecimento do contexto histórico fornece para qualquer pesquisa é *perspectiva*. A história permite certo distanciamento estratégico com relação ao presente, fornece os meios para você se desidentificar com suas crenças arraigadas – aquelas que estão tão entranhadas em nós que é difícil até perceber que elas estão ali. Nesse sentido, ela permite um ganho em objetividade que é salutar para qualquer empreendimento intelectual. Em segundo lugar, ela é um antídoto para certas ingenuidades, principalmente no caso da psicanálise, em que a visão sobre o desenvolvimento dessa disciplina ainda é muito informada por uma série de lendas douradas e mitos de fundação que tendem a apresentar seu nascimento como resultado de intuições e descobertas geniais de Freud e, no caso das escolas posteriores, de outros heróis do mesmo tipo, Lacan, Klein, Winnicott, e assim por diante. Essa ingenuidade histórica resulta nas reivindicações bem conhecidas de que Freud “descobriu” o inconsciente, a etiologia sexual dos transtornos mentais e a sexualidade infantil, entre tantas outras coisas, quando há uma vasta literatura facilmente acessível – tanto em termos de fontes primárias, quanto de estudos históricos rigorosos e detalhados, além de amplamente reconhecidos – abordando esses temas e seu desenvolvimento anterior e independente de Freud. Não quero dizer que não haja originalidade nas posições freudianas, muito pelo contrário. Há toda uma literatura antifreudiana e antipsicanalítica que afirma isso, usando como argumento o fato elementar que a reinvidicação de um ineditismo absoluto é insustentável. Mas a originalidade de Freud e de outros autores tem que ser estabelecida de encontro ao pano de fundo formado por essas outras concepções não psicanalíticas e pela análise comparativa entre elas. O que o inconsciente freudiano traz de novo em meio à ampla proliferação de discursos sobre o inconsciente – psicológico, fisiológico, metafísico – que marca o século XIX? Que tipo de teoria sobre a sexualidade Freud propõe no âmbito de uma pluralidade de outras visões

sobre este problema em campos disciplinares tão diversos quanto a medicina, a psicologia, a pedagogia, o direito e a literatura? Essas questões não podem ser respondidas sem o conhecimento do contexto histórico em questão.

Outro problema é que a ausência dessa referência histórica pode comprometer a própria compreensão da natureza conceitual da obra psicanalítica. Por exemplo, muitas vezes se lê que o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) é um trabalho inteiramente psicanalítico, baseado na prática clínica e que apenas mimetiza a linguagem neurocientífica da época, sabe-se lá por que razão. A evidência para tanto é que o texto do *Projeto* tal como o conhecemos difere muito de um trabalho neurocientífico *stricto sensu*. Ergo só pode ser um texto clínico ou metapsicológico disfarçado. Além do evidente *non sequitur* desta conclusão, esse raciocínio comete um anacronismo grosseiro. Ele desconhece o que se produzia, nas décadas finais do século XIX, em termos de tentativas de relacionar o conhecimento do cérebro e do sistema nervoso com as funções mentais mais complexas. Esse conhecimento mostraria que, muito ao contrário de ser uma anomalia no contexto da literatura neurocientífica, o *Projeto* é um trabalho bastante típico de sua época. Se levarmos em conta que o texto que conhecemos é um esboço muito preliminar, rascunhado às pressas, e imaginarmos como seria o trabalho concluído, revisado, editorado, com notas de rodapé e bibliografia, obtemos um trabalho bastante semelhantes a outros do período – aos quais Freud, aliás, se refere, implícita ou explicitamente – tais como o *Entwurf* de Sigmund Exner, o primeiro volume da *Psiquiatria* de Meynert ou a conferência *Gehirn und Seele* de Paul Flechsig, para mencionar apenas alguns. Portanto, o *Projeto* só pode ser adequadamente compreendido reconhecendo a sua natureza como um documento neurocientífico típico do século XIX, para além daquilo que ele contenha de antecipação de teses psicanalíticas que Freud desenvolveria depois.

Para dar outro exemplo, saindo um pouco do universo exclusivamente freudiano, a obra inicial de Lacan, organizada em torno de uma teoria do imaginário que tem a noção de estágio do espelho como foco, se apoia decisivamente na psicologia do desenvolvimento de sua época e das décadas imediatamente anteriores. Trabalhos de psicólogos como Henri Wallon e Charlotte Bühler forneceram noções chave com as quais Lacan vai trabalhar, como o conceito de transitivismo e a descrição e análise da experiência do reconhecimento especular. Os estudos sobre a imitação de James Baldwin e Paul Guillaume foram também cruciais. Se você desconhece essas contribuições, que a esmagadora maioria dos estudos sobre Lacan ignora, vai encontrar-se na condição de analisar a estrutura de um trabalho sem levar em conta os materiais com os quais ele foi construído. Isso conduz ao anacronismo frequente de projetar sobre essa fase da obra o antipsicologismo de um período posterior, que só se manifesta quando

Lacan entra em contato com as ideias estruturalistas. As formulações sobre o imaginário do primeiro Lacan são o fundamento de uma teoria *psicológica* do sujeito, daí que o recurso à psicologia infantil e à psicologia do desenvolvimento da época faça inteiramente sentido. Se isso não aparece no texto clássico sobre o estágio do espelho de 1949, é porque esse texto apresenta uma reformulação tardia da teoria, já realizada sob a influência de Lévi-Strauss e da disseminação inicial das ideias estruturalistas na linguística e na antropologia social.

Enfim, espero que esses exemplos tenham servido para deixar um pouco mais claro que tipo de contribuição uma abordagem histórica pode dar ao trabalho de análise conceitual, além de ilustrar as limitações desse trabalho e a quais distorções ele pode estar sujeito quando o seu contexto histórico é deixado de lado ou ignorado.

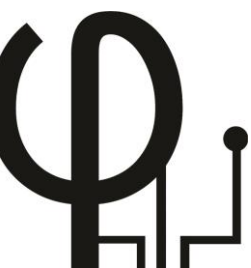
WCFP: *Sobre a ideia de um método “histórico-filosófico” para a pesquisa conceitual em psicanálise, em qual medida este método é, ao mesmo tempo, histórico e filosófico?*

RTS: Toda essa discussão sobre um método histórico-filosófico é ainda muito incipiente e muito preliminar. Eu não tenho nenhuma proposta de um procedimento formalizado e padronizado para articular essas duas perspectivas, que é mais ou menos o que a gente espera quando se fala de um *método*. Na pesquisa teórica, é muito difícil padronizar procedimentos, como se faz na pesquisa empírica, em que os instrumentos são criados, testados e validados de antemão, antes de serem aplicados na coleta e análise de dados propriamente ditas. Nem sei se é o caso de tentar isso. “Método”, então, na pesquisa filosófica, tem um sentido consideravelmente distinto. Trata-se mais de estabelecer diretrizes gerais para esse tipo de trabalho, que podem então ser levadas em conta no delineamento de cada pesquisa específica.

Feitas essas ressalvas, o elemento filosófico do método se refere, de modo geral, a toda aproximação do texto psicanalítico que faça uma destas duas coisas (ou ambas): 1) seja motivada por uma *questão filosófica* (um conceito ou princípio que a psicanálise e a filosofia compartilhem, a influência de algum autor ou noção filosófica sobre a psicanálise e, inversamente, da psicanálise sobre algum autor ou teoria do campo da filosofia); 2) utilize um *método filosófico* para abordagem da obra ou teoria psicanalítica, sobretudo os procedimentos de análise sistemática e explicação de textos praticados na história da filosofia. Com relação à primeira dessas duas possibilidades, o elemento histórico diz respeito à reconstituição do contexto intelectual e cultural em que o encontro entre filosofia e psicanálise ocorreu. Vale notar que, nesse caso, a perspectiva histórica é exigida pela própria natureza do objeto, já

que esse encontro é um acontecimento situado no tempo e em determinado conjunto de circunstâncias. Se você quer se perguntar sobre a relação entre o conceito freudiano de inconsciente e a maneira como o tema do inconsciente é tratado nas filosofias que precedem e acompanham o nascimento da psicanálise, você precisa conhecer a história dessas filosofias e de como elas podem ter agido sobre a formação intelectual de Freud e sobre a produção concreta de seu pensamento. Com relação à segunda possibilidade – em que o elemento filosófico diz respeito mais ao método de abordagem do que ao conteúdo da teoria –, a reconstrução do contexto histórico em que a obra a ser analisada foi produzida tem a função de informar essa análise no sentido de criar condições para que as questões adequadas sejam endereçadas ao texto. Se você fizer perguntas ruins, vai obter respostas ruins, por mais rigorosas que sejam a análise e a explicação de texto realizadas. Assim, se você assumir que Freud foi o primeiro autor a falar de uma sexualidade infantil, não haverá lugar para a pergunta sobre que tipo de teoria sobre a sexualidade infantil ele propõe, pois, para formulá-la, é preciso reconhecer a existência de uma pluralidade de teorias que podem ser agrupadas em determinadas classes, como o fazem certos historiadores. Como consequência, você nunca vai se perguntar se Freud manteve-se apegado a esse mesmo tipo de teoria ou mudou de posição ao longo do desenvolvimento de seu pensamento. Não vai provavelmente perceber que Freud parte de uma visão em que concebe a sexualidade infantil como fundamentalmente distinta da sexualidade adulta e vai nuançando esse contraste nas sucessivas revisões da teoria, em resposta a impasses e dificuldades teóricas que, então sim, a análise conceitual pode identificar e expor. Ora, uma explicação sistemática do texto dos *Três ensaios*, por si só, não revelaria isso. O pesquisador não encontraria ali aquilo que ele não sabe que deve procurar.

Nesse segundo caso, é preciso insistir mais enfaticamente na necessidade de se acrescentar um viés historiográfico à pesquisa teórica, porque normalmente se assume que esse tipo de pesquisa dispensa essa perspectiva. É claro que nem todo problema de pesquisa vai exigir essa articulação entre uma abordagem estrutural interna e outra histórico-contextual. Porém, esse conhecimento sempre será útil, mesmo que talvez, em certos casos, não seja imprescindível. Deveria ser um truísmo metodológico que não se pode fazer pesquisa sobre Freud, Lacan ou quem quer que seja, lendo apenas os textos destes autores e, no máximo, um ou outro comentador consagrado (em geral, sempre os mesmos). Infelizmente, esse truísmo não parece evidente a todos e ainda é preciso insistir nesse ponto.



WCFP: Especialmente sobre a dimensão filosófica do método, em artigo recente você atribui sua origem a uma experiência histórica brasileira bastante determinada: a ampliação do modo estruturalista de fazer filosofia no Brasil, que teria ocorrido a partir da década de sessenta, em torno, principalmente, da figura de Bento Prado Jr., a partir da qual, enfim, constituir-se-ia a “filosofia da psicanálise”⁶. Sabemos, porém, que esta “ampliação do estruturalismo” não é exatamente um fenômeno exclusivo da história da filosofia brasileira. Qual seria então precisamente a contribuição mais característica da experiência brasileira para a constituição do método que você propõe?

RTS: Penso que o que há de característico na experiência brasileira é que essa “ampliação do estruturalismo”, por uma série de razões que ainda é preciso compreender, assumiu também a forma de uma aplicação do método estrutural aos textos psicanalíticos, dentre um conjunto de outras estratégias. O caso de Bento Prado eu conheço melhor, não apenas porque convivi com ele, mas também porque dediquei trabalhos específicos ao estudo de sua obra e do lugar que a psicanálise nela ocupa⁷. Bento foi, com certeza, um personagem crucial na constituição dessa área de pesquisa e na sua evolução até constituir um campo disciplinar bastante bem caracterizado dentro da filosofia brasileira. Ele foi também emblematicamente seu padrinho, por assim dizer, ao intitular a célebre coletânea que organizou em 1991 como “*Filosofia da psicanálise*” e discutir o sentido desta expressão na introdução do livro⁸. Mas ele não foi o único e outras correntes de pensamento se originaram e se desenvolveram fora de sua área de influência. Todo esse movimento de ideias precisa ser estudado mais cuidadosamente para se obter uma visão mais abrangente desse fenômeno – um estudo que ainda está em curso.

Outra circunstância que talvez tenha contribuído para que a filosofia da psicanálise tenha adquirido a expressão que tem na filosofia nacional é a coincidência de dois fatores. O primeiro deles é que o estruturalismo filosófico foi particularmente influente na filosofia

⁶ Cf. SIMANKE, R. T. Considérations préliminaires à propos d’une méthode historico-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion à partir de l’expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics. Biannual International Journal of Philosophy*, Cagliari, v. 4. n. 2, p. 59-78, 2020. Disponível em: <https://ojs.unica.it/index.php/ecch/article/view/4658>. Acesso em: 14 jun. 2021.

⁷ Cf. SIMANKE, R. T. As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr e a filosofia da psicanálise. *O Que nos Faz Pensar (PUCRJ)*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 67-88, 2007., e, _____. O deslocamento do eixo da razão: Bento Prado Jr sobre Lacan e Hegel. *Modernos e Contemporâneos Revista Internacional de Filosofia*, v. 3, n. 5, p. 3-41, 2019. Ver também: SIMANKE, R. T. “O que é a filosofia da psicanálise e o que ela não é”. *Educação temática digital*, Campinas, v. 11, n. especial, p. 189-241, 2010., e, _____. “Reflexões sobre a área de pesquisa filosofia da psicanálise: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo”. *Analytica*, São João del-Rei, v. 3, n. 4, p. 201-228, 2014. Estes dois últimos trabalhos, embora não sejam específicos sobre Prado Jr., repercutem igualmente a sua contribuição e importância para a área.

⁸ Cf. PRADO JR. B.; et al. (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

brasileira a partir dos anos 1960, com seu enraizamento na Universidade de São Paulo – e, mais tarde, sua disseminação para outros centros de pesquisa filosófica que foram sendo criados. Isso coincidiu com um momento em que a pesquisa e a formação filosófica estavam se deslocando das faculdades de Direito e das instituições religiosas, além de certos institutos não acadêmicos, que eram os espaços em que tinham predominantemente transcorrido até então, para cursos e programas universitários especificamente voltados para a filosofia. O estruturalismo foi, então, uma escola filosófica que participou fortemente da constituição de uma comunidade acadêmica laica e profissionalizada, por assim dizer, no contexto universitário nacional e, nessas circunstâncias, a amplitude da sua influência se torna mais compreensível. Mas é preciso ressaltar que esta é uma leitura totalmente impressionista, baseada na leitura de algumas poucas análises; eu nunca pesquisei especificamente a história institucional da filosofia brasileira. Seja como for, a influência do estruturalismo foi importante e é ainda bastante influente hoje em dia. Há muita gente por aí que acredita que o único método rigoroso para fazer filosofia é a análise e a explicação sistemática dos textos clássicos da tradição.

O segundo fator é a dimensão e a popularidade que a psicanálise alcançou no Brasil. Embora a Sociedade Brasileira de Psicanálise exista desde os anos 1920, esse movimento se acelerou no pós-guerra, com a intensificação da formação de candidatos, a multiplicação dos institutos e, mais tarde, com a chegada de correntes teóricas que corriam por fora do circuito “oficial” e foram aos poucos criando a sua própria estrutura institucional. Essa propagação da psicanálise se deu em parte a partir dos centros europeus e norte-americanos, mas também, de forma bastante incisiva, pelas relações com outros países latino-americanos, sobretudo a Argentina, onde a inserção da psicanálise era particularmente forte. A psicanálise lacaniana desempenhou um papel importante nesse processo. Ela se desenvolveu com força no Brasil a partir dos anos 1980, fosse via Paris ou via Buenos Aires. Ao mesmo tempo, o alívio relativo da repressão política numa ditadura militar que se aproximava do fim tornou possível certa normalização da vida acadêmica, além do retorno e reintegração dos professores cassados e exilados. O lacanismo trouxe para a psicanálise uma familiaridade com o Panteão e o ideário filosóficos. Por mais que as referências de Lacan à filosofia e aos filósofos fossem frequentemente heterodoxas, metafóricas, analógicas ou, por vezes, simplesmente mal-informadas, o discurso lacaniano, para o bem ou para o mal, estabeleceu a ideia de que a psicanálise e a filosofia têm alguma coisa a ver uma com a outra. Daí que começou a parecer normal que um psicanalista ou candidato a psicanalista lacaniano estudasse filosofia e muitos começaram a procurar as instituições acadêmicas para tanto, estreitando, assim, os laços entre a psicanálise e o campo dos estudos filosóficos.

Enfim, a especificidade da experiência brasileira e o fato de que aqui se tenha desenvolvido uma área de pesquisa em filosofia da psicanálise bastante robusta me parecem decorrer, de modo geral, da convergência de todos esses fatores. É claro que os detalhes e nuances desse processo ainda precisam ser mais bem estudados e compreendidos. Mas, se existe uma filosofia da psicanálise no Brasil é porque existe uma comunidade de filósofos que se interessam por psicanálise e uma comunidade de psicanalistas que se interessam por filosofia. Hoje em dia temos diversos pesquisadores que atuam nos dois campos, tanto em termos de engajamento em pesquisa quanto em termos institucionais, além dessa figura do analista-filósofo ou do filósofo-analista que não existe só no Brasil, mas se tornou particularmente comum por aqui.

WCFP: *No mesmo artigo mencionado acima, você propõe a junção metodológica entre história das ideias e história da filosofia (estruturalismo ampliado), o que pode nos levar a uma concepção demasiada filosófica da história das ideias psicanalíticas, caso em que poderíamos falar abertamente de uma “história filosófica da psicanálise”. Se, por um lado, isso resolve o duplo problema da historiografia tradicional da psicanálise – a alternativa entre uma história estritamente social contextual e uma história heroica e biográfica –, por outro, não há risco deste método historiográfico, ainda que contextual, se tornar muito “filosofante”?*

RTS: A ideia de complementar a abordagem exclusivamente internalista da análise estrutural com a contextualização histórica – pelo menos em termos de uma história intelectual ou história das ideias, embora outros contextos históricos possam ser relevantes, dependendo do problema em foco – provém da constatação de que o estruturalismo reproduz, à sua maneira e por razões diferentes, um dos grandes problemas da história tradicional da psicanálise, que é a abstração ou a neutralização do contexto. A história estruturalista da filosofia, nas suas versões mais estritas, é uma abordagem curiosamente a-histórica. Ao privilegiar a análise da arquitetura conceitual interna da obra filosófica, assumida como um sistema fechado em si mesmo, essa abordagem, mesmo que para fins estritamente metodológicos, isola o sistema da história. Tudo bem que uma história da filosofia tenha as suas peculiaridades em comparação à história de outras disciplinas, e que os determinantes extra-filosóficos possam ser ali colocados entre parênteses. Talvez o ambiente social, cultural ou político, ou o itinerário biográfico do filósofo sejam irrelevantes para uma explicação da obra como uma expressão da *ratio* filosófica. Mas o estruturalismo tende também a recortar a obra do próprio contexto intelectual e

interlocucional em que ela inevitavelmente se produz. A estrutura conceitual e discursiva da obra é sempre – ou quase sempre, em todo caso – um diálogo ou uma discussão com outros pontos de vista, seja de forma implícita ou explícita. Ela é simultaneamente um argumento e um contra-argumento, por assim dizer. Enfim, não é necessário recapitular aqui toda a discussão crítica do estruturalismo, que já é, por si, bastante volumosa. Com relação à perspectiva estruturalista aplicada estritamente à história da filosofia, pode-se facilmente conceder que o ganho em rigor compense aquilo que se deixa de fora, que poderia então ser recuperado por outras abordagens complementares. O Descartes de Gilson e o Descartes de Merleau-Ponty complementam o Descartes de Gueroult, sem diminuir o valor da análise monumental levada a cabo por este último.

No entanto, quando se transferem os princípios metodológicos do estruturalismo para outro tipo de obra teórica, tal como as obras psicanalíticas, certos cuidados precisam ser tomados e certas adaptações precisam ser feitas. Considerar a obra como um sistema fechado é um artifício metodológico da análise estrutural que introduz algum grau de distorção, mesmo que os ganhos superem as perdas. Mas a obra psicanalítica é ainda muito mais refratária a essa redução a uma totalidade autossuficiente, fechada em si mesma. A psicanálise é uma disciplina científica e uma prática clínica e, nessas duas dimensões, contém uma referência essencial a um campo de fenômenos que ela procura compreender, explicar e/ou modificar. Além disso, a relação entre vida e obra não é tão facilmente neutralizável nesse caso, como talvez seja no caso da filosofia. O nascimento da psicanálise está indissociavelmente ligado à biografia de Freud através do papel que sua autoanálise nele desempenhou. Embora o elemento biográfico tenha sido muito frequentemente supervalorizado na história tradicional da psicanálise, não se pode, no extremo oposto, simplesmente ignorá-lo no esforço de compreensão da obra. Existem exemplos de um uso metodologicamente rigoroso da informação biográfica e do evento da autoanálise freudiana nas pesquisas sobre as origens da psicanálise, como, por exemplo, a abordagem de Carl Schorske, ainda nos anos 1970⁹. Por outro lado, o desenvolvimento das doutrinas psicanalíticas está também profundamente imbricado com as vicissitudes da complicada e peculiar história institucional da psicanálise. O pensamento de Lacan, com certeza, não pode ser bem compreendido sem essa referência, mas esse não é o único caso. Há ainda a complexa rede de interlocuções com os mais diferentes campos do saber que caracteriza o desenvolvimento da psicanálise desde os seus primórdios, o que faz com que uma teoria

⁹ Cf. SCHORSKE, C. E. Politics and Patricide in Freud's Interpretation of Dreams. *The American Historical Review*, Bloomington, v. 78, n. 2, p. 328-347, 1973.

psicanalítica muitas vezes se apresente como o ponto de convergência de um amplo programa interdisciplinar, envolvendo não apenas diversos ramos do conhecimento científico, mas também as artes, a literatura e a própria filosofia. Esse diálogo e esses empréstimos não constituem apenas uma moldura ou um conjunto de adereços secundários, mas participam muitas vezes de forma orgânica da construção de uma visão propriamente psicanalítica do campo de problemas e objetos que a psicanálise se propõe.

Enfim, há muitas razões para que uma abordagem exclusivamente interna da obra psicanalítica revele ainda mais limitações do que no caso da filosofia. Diante disso, trazer de volta uma visão histórica ampliada para o trabalho de explicação do processo de formação das teorias psicanalíticas pareceu uma alternativa possível. O problema é que esse encaminhamento se confronta com os problemas inerentes ao campo específico da história da psicanálise – como você mencionou, tradicionalmente uma história biográfica e heroica, uma tendência que ainda está longe de se ter dissipado inteiramente. Assim, duas providências se fazem necessárias. Primeiro, aproximar esse projeto do que há de melhor sendo praticado nos estudos históricos sobre a psicanálise. Felizmente, já existe uma “nova historiografia” da psicanálise (essa expressão já vindo sendo utilizada, aliás) que procura apreender com os erros do passado e forjar uma abordagem mais rigorosa e abrangente da história dessa disciplina, tanto em termos de metodologia quanto de sua fundamentação teórica e epistemológica. Essa nova historiografia, no entanto, ainda teve pouco impacto, quer nos meios propriamente psicanalíticos, quer na maneira como se pratica a interpretação filosófica da psicanálise. Trata-se, então, de fazer essa aproximação e não desperdiçar um espaço de interlocução potencialmente produtivo entre história e filosofia da psicanálise. A segunda providência é estabelecer uma perspectiva própria para considerar e também pesquisar a história da psicanálise, de modo a colocá-la a serviço de uma compreensão sistemática dos conceitos psicanalíticos e de suas repercussões filosóficas. Isso é o que está esboçado no artigo que você menciona. Agora, extrair daí a ideia de uma história filosófica da psicanálise parece algo ainda bastante impreciso. Não se trata, portanto, de fazer uma história filosofante, mas de criar critérios para identificar, entre a massa de informações que os estudos históricos disponibilizam e o que é possível descobrir por si só ao se engajar nesse campo, aquilo que pode contribuir para uma melhor e mais completa apreensão das implicações filosóficas das hipóteses e noções que constantemente se renovam no desenvolvimento da psicanálise ao longo do tempo. Dependendo da questão que se coloque aos textos psicanalíticos, as informações oriundas da história da ciência, da história das ideias, enfim, da história intelectual como um todo, além de outros campos da pesquisa histórica, se mostrarão mais ou menos relevantes. Enfim, essa

história é filosófica não porque pretende pôr a história para filosofar – o que ela não precisa, pelo menos não necessariamente –, mas porque procura lançar um olhar filosófico sobre a pesquisa histórica, para incorporar à inquirição filosófica da psicanálise aquilo que for efetivamente relevante para o problema em foco. Em outras palavras, para a filosofia da psicanálise, a história da psicanálise será sempre um meio para um fim. É claro que, da perspectiva do historiador, o conhecimento histórico aparece como um fim em si mesmo. Talvez, porém, a interlocução filosófica possa lançar também alguma luz sobre a resolução de problemas estritamente históricos: por que tal coisa aconteceu em tal momento e de determinada maneira no desenvolvimento da psicanálise? Essa é uma possibilidade que eu também estou tentando começar a explorar, ainda que incipientemente.

WCFP: *A sugestão de uma historiografia crítica e filosófica como programa de pesquisa teórica em psicanálise tem o mesmo valor para os dois campos: o da psicanálise e o da filosofia da psicanálise? Quer dizer, o método histórico-filosófico não seria mais adequado e fecundo para pensar uma “história da recepção filosófica da psicanálise”, que propriamente uma “história da psicanálise”? Ou seja, como você enxerga a distinção dessas duas histórias? Haveria, por exemplo, algum risco desse método tornar a psicanálise “refém” da filosofia? Por fim, o que você pensa sobre a contribuição da sua proposta, tanto para a renovação metodológica da história da psicanálise, quanto para a renovação metodológica da história da filosofia?*

RTS: Há muitas questões entrelaçadas aqui. Vou tentar distingui-las e respondê-las em sequência. Sobre o ganho dessa abordagem histórico-filosófica para a filosofia da psicanálise, creio que já respondi junto à questão anterior. Quanto a se essa história filosófica interessa mais à filosofia da psicanálise do que à própria psicanálise, diria que em princípio sim, já que essa proposta surgiu como uma maneira de complementar o trabalho mais frequentemente realizado em filosofia da psicanálise e preencher algumas de suas lacunas – ou, pelo menos, o que me parece ser suas lacunas ou limitações. No entanto, uma ampliação e aprofundamento da compreensão da história da psicanálise talvez não seja sem valor para a prática clínica e teórica da psicanálise propriamente dita. Todas as disciplinas têm seus mitos de fundação e seus heróis pioneiros. Esses mitos são progressivamente dissolvidos pela historiografia da área e, com o amadurecimento epistêmico e metodológico das disciplinas, eles tendem a se tornar relativamente inócuos com o tempo. Imagino que um físico possa continuar sendo um bom

físico mesmo se continuar acreditando que a maçã caiu na cabeça de Newton, e que um biólogo possa ser um bom biólogo ainda que creia que Darwin teve uma epifania da seleção natural ao observar os tentilhões das Ilhas Galápagos. Na psicanálise, as coisas ainda talvez sejam um tanto diferentes, e a crença nessas narrativas mitológicas e idealizadas que se passam por história interfira significativamente em como o psicanalista vê a psicanálise e como compreende sua prática e seus conceitos. Nesse caso, o esclarecimento histórico, seja de que estilo for, pode ter uma contribuição importante a dar também para a psicanálise e não apenas para a filosofia da psicanálise. Esse é uma espécie de benefício colateral, que resulta de que, para se poder delinear uma abordagem histórico-filosófica das teorias psicanalíticas, é necessário considerar criticamente os estudos históricos disponíveis sobre a psicanálise e procurar preencher suas lacunas e corrigir seus descaminhos.

Quanto à psicanálise se tornar “refém da filosofia”, esta é uma desconfiança que se costuma encontrar entre alguns psicanalistas, principalmente aqueles que não estão familiarizados com o trabalho na interface entre filosofia e psicanálise. A justificativa normalmente apela para certa retórica antifilosófica que se pode encontrar tanto em Freud quanto em Lacan, ainda que com estilos e motivações diferentes. É claro que interpretar filosoficamente a psicanálise ou fazer a arqueologia de seus contatos com a tradição filosófica não significa advogar nenhuma espécie de tutela da filosofia sobre a psicanálise, o que, de qualquer maneira, não faria nenhum sentido. Talvez essa preocupação pudesse se justificar com relação a certa filosofia normativa da ciência, de inspiração neopositivista, que se propunha a legislar sobre o que é e o que não é ciência a partir de determinado critério filosófico (verificação, falsificação etc.), amparado numa reconstrução racional de um modelo ideal de cientificidade. Mas isso já ficou no passado, e não apenas com relação à psicanálise. Uma das figuras fundadoras da filosofia da psicanálise no Brasil – a ideia de epistemologia da psicanálise articulada por Monzani e outros autores – já era explicitamente contraposta à abordagem nos termos de uma filosofia normativa da ciência. A ideia de epistemologia da psicanálise, como se sabe, foi depois ampliada por Bento Prado e pelo próprio Monzani, entre outros, para dar origem àquilo que hoje reconhecemos como uma filosofia da psicanálise em suas diversas dimensões. Então, parece bem claro que a psicanálise não tem nada a temer, nem de uma leitura filosófica, nem de uma abordagem histórica de viés filosófico.

No que diz respeito a uma história da recepção filosófica da psicanálise, a questão é um pouco diferente e há outras coisas que precisam ser levadas em conta. Na verdade, este é um interesse relativamente novo para mim e as questões de método não estão nem um pouco claras. Elas estão se resolvendo *au fur et à mesure*. O problema é que, caso se queira

compreender como se deu, historicamente falando, o encontro entre psicanálise e filosofia, não há como evitar o tema da recepção, já que é disso exatamente que se trata – como a filosofia “recebeu”, reagiu, respondeu ao advento da psicanálise. O que normalmente se chama de “história da recepção” é uma variação dentro do tema mais geral das teorias da recepção e se encontra expressa, nesses termos, na literatura, com relação principalmente aos estudos bíblicos e aos estudos clássicos. Trata-se, nesses casos, de investigar as diversas maneiras como esses temas foram assimilados e interpretados ao longo do tempo, em que contexto e por quais razões, e assim por diante. São áreas de pesquisa muito distintas e qualquer espécie de inspiração metodológica nas mesmas tem que passar por consideráveis adaptações, começando, é claro, pelas dimensões temporais do processo, muito mais restritas. De qualquer maneira, uma história da recepção filosófica da psicanálise não pode ser apenas filosófica, nem no sentido de uma história da filosofia, nem de uma história filosófica das teorias psicanalíticas da qual estivemos falando até agora. Quando se fala de “recepção”, muitas outras coisas entram em jogo além dos conceitos. É certo que a exegese dos textos – a maneira como estes são lidos, interpretados e como os resultados deste trabalho de interpretação são aplicados – desempenha um papel central na questão da recepção. Mas não é possível compreendê-la de forma abrangente sem considerações de ordem sociológica e institucional, por exemplo, ou até mesmo de ordem biográfica. Se você quiser compreender como se deu a recepção filosófica da psicanálise no Brasil, para ficarmos num contexto que nos é mais familiar, é preciso levar em conta o que estava acontecendo no país e nas universidades em que esse movimento teve início, quem eram as pessoas envolvidas, qual era o *background* biográfico e acadêmico de seus protagonistas, e assim por diante. Até elementos do contexto sociopolítico ampliado podem ser relevantes, como o declínio do regime de exceção da ditadura militar e o abrandamento da repressão política às instituições acadêmicas a partir do final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980, aos quais nos referimos agora há pouco. Embora não sejam muitos, há alguns modelos nos quais a gente pode começar a se inspirar para esboçar uma metodologia mais clara para estudar essas questões, pelo menos em termos de estudos históricos. Como exemplo, poderia mencionar o *Freud in Cambridge*, de Laura Cameron e John Forrester¹⁰, que, embora não trate apenas da filosofia, examina também a recepção acadêmica da psicanálise no contexto britânico, além de outros espaços em que esta recepção se deu e que vão muito além da estrutura institucional oficial orquestrada por Ernest Jones com a fundação da Sociedade Britânica de Psicanálise e do Instituto de Psicanálise em Londres. O fato é que, quando eu me propus a estudar mais

¹⁰ Cf. FORRESTER, J.; CAMERON, L. *Freud in Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

sistematicamente o encontro entre filosofia e psicanálise no Brasil, procurando também preencher certas lacunas sobre como se deu este encontro em outros contextos nacionais, o tema da “recepção” pareceu se impor naturalmente e entrou como objeto de um dos meus atuais projetos de pesquisa. Mas eu não tinha muita noção das complicações envolvidas e agora é preciso lidar com elas para levar o projeto adiante. Este, porém, é um trabalho que está apenas começando¹¹.

Enfim, com relação à possibilidade de uma renovação metodológica da história da filosofia, não sei muito bem o que dizer, não pensei muito desde esta perspectiva. Essa possibilidade existe caso se considere que a emergência de algo que se pode chamar de “filosofia da psicanálise” faz parte da história da filosofia. Num sentido óbvio, faz, é claro, como qualquer coisa que envolva a filosofia de alguma maneira. Mas apenas se considerarmos “história da filosofia” num sentido muito diferente daquele proposto pelo estruturalismo, que ainda é, imagino, o que a maioria dos pesquisadores entende por história da filosofia, pelo menos no Brasil.

WCFP: *Quais expectativas filosóficas mais amplas podemos nutrir a respeito do método histórico-filosófico para a pesquisa conceitual em psicanálise? Poderíamos expandi-lo para a pesquisa filosófica em geral?*

RTS: Imagino que sim, embora isso dependa de como se conceba a pesquisa filosófica. Em algumas áreas dessa pesquisa, isso já é um ponto pacífico e, na verdade, a minha proposta consiste muito em tentar trazer para o campo da filosofia da psicanálise estratégias que já se praticam em outras áreas, ainda que com as necessárias adaptações. Na filosofia da ciência, por exemplo, já é consenso que não se pode desenvolver uma reflexão sobre a ciência sem o recurso à história da ciência. Mesmo as questões lógicas da teorização científica são atravessadas pelas circunstâncias históricas que cercam o desenvolvimento das diversas disciplinas ao longo do tempo. A história da ciência, por sua vez, não pode dispensar uma compreensão filosófica do seu objeto, na medida em que focar os aspectos formais, lógico-epistêmicos, o problema dos fundamentos, assim como as repercussões das descobertas e teorias científicas no campo filosófico. Hoje, quando se fala de uma “história da ciência” sem maiores especificações,

¹¹ A referência aqui é ao projeto interinstitucional de pesquisa intitulado *A recepção filosófica da psicanálise: história, tradições e doutrinas*, desenvolvido na UFJF, UFMS, PUCPR e *Université Paul Valéry*, pelos pesquisadores Richard Simanke, Weiny Freitas, Francisco Bocca e Caio Padovan.

normalmente tem-se em mente uma história *filosófica* da ciência, e não outra modalidade qualquer de pesquisa histórica que tome a ciência como objeto. Quando é este o caso, é comum explicitar esse viés mais externalista e falar de uma “história social da ciência”, uma “história econômica da ciência”, uma “história transcultural da ciência”, e assim por diante. Enfim, as discussões sobre as relações entre história e filosofia nessa área vêm já de longa data e se fala frequentemente de “História e Filosofia da Ciência” como se fosse um único campo disciplinar. Como Imre Lakatos disse, numa famosa paráfrase de Kant: a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega, e a filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia. Trata-se, então, de trazer para a filosofia da psicanálise esse tipo de discussão, já que ela parece ainda não ocorrer aí, ou ocorrer muito pouco. A mesma coisa se dá, creio, em outras áreas em que a filosofia forçosamente dialoga com outros campos, como a estética, por exemplo. Parece claro que não é possível refletir filosoficamente sobre a arte, a criação e os valores estéticos sem estar solidamente amparado no conhecimento da história da arte.

A questão parece se referir, assim, mais especificamente à pesquisa em história da filosofia, em que a filosofia dialoga acima de tudo, quando não exclusivamente, consigo mesma, pelo menos no tipo de história da filosofia com que estamos mais habituados por aqui. É inegável que uma análise estrutural sistemática das obras e sistemas é imprescindível para o conhecimento filosófico, e que um treinamento rigoroso nesse tipo de análise é uma ferramenta indispensável para a formação do pesquisador. O problema, então, é se esse trabalho é suficiente. Suponho que isso dependa dos objetivos da pesquisa e de que tipo de inquietação filosófica a motiva. Eu, particularmente, gosto de conhecer mais a respeito de um sistema ou de um pensamento do que a arquitetura conceitual das obras em que estes se exprimem, sem contar que nem todo pensamento filosófico se apresenta sob a forma do sistema. Também acredito que esse conhecimento enriqueça e aprofunde a compreensão dos conceitos. Enfim, a questão em jogo é se uma história da filosofia pode se afastar do modelo estruturalista sem deixar de ser filosófica. Não vejo por que não poderia, mas a minha área de pesquisa não é a história da filosofia e cabe aos pesquisadores desse campo discutir essas questões. Retornando, para fins ilustrativos, ao exemplo da filosofia da ciência mencionado anteriormente, o que história e filosofia da ciência entendem por ciência é algo muito distinto. A filosofia da ciência estrita se endereça a uma reconstrução lógica e racional da ciência, enquanto a ciência como uma prática cultural e social concreta é descrita pela história da ciência. Uma compreensão abrangente da ciência como uma realização intelectual e como um acontecimento histórico contingente deve se construir sobre a tensão entre esses dois polos e, de algum modo, articular suas perspectivas divergentes. Essas mesmas considerações podem ser feitas com

relação à filosofia: a fotografia que se pode dela obter depende de qual modalidade de história é empregada para compreender e avaliar suas realizações. A relevância de uma abordagem histórico-filosófica para a pesquisa em filosofia num sentido mais amplo é relativa, portanto, a qual concepção de filosofia se tenha em mente.

